

NEGUINHO DIZIA ASSIM QUE É UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO SOBRE A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO EM SALVADOR

Valter de CARVALHO* (PPGEL/UNEB)

A língua é e jamais deixará de ser um fato social. Saussure, considerado o “pai do estruturalismo”, ao definir a dicotomia *langue* e *parole*, evidenciou que existe uma língua que é um sistema convencionalmente elaborado e a fala, o uso efetivo da língua. Embora ele tenha tomado a primeira como objeto de estudo da Linguística, com o intuito de torná-la uma ciência, a segunda não foi negada, servindo, inclusive, de objeto de estudos futuros.

Um dos ramos da Linguística que surgiu para estudar os usos reais e concretos da língua foi a Sociolinguística, cujo termo foi fixado em 1964, em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Neste evento, participaram diversos estudiosos que já percebiam e estudavam a relação existente entre linguagem e sociedade, tais como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Rona. Os trabalhos apresentados nesse congresso foram publicados, em 1966, sob o título “Sociolinguistics”, cujo capítulo introdutório “As dimensões da Sociolinguística”, escrito por Bright, definiu e caracterizou este novo ramo dos estudos linguísticos, estabelecendo a diversidade linguística como seu objeto de estudo (ALKMIM, 2005, p.28).

O termo sociolinguística foi cunhado naquela época por não terem encontrado um outro que pudesse dar conta das intenções reais propostas por aqueles estudiosos. Inclusive o próprio William Labov ([1972] 2008, p.14) declarou: “por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”.

Assim, de uma maneira mais ampla e esclarecedora, Cezario e Votre (2008, p.142) dizem que a Sociolinguística

“é uma área que estuda língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.”

Ao se estudar a diversidade linguística, torna-se claro que para os estudiosos supracitados a língua não é homogênea, mas heterogênea. Ela apresenta “diversas alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa” (LABOV, [1972] 2008, p.221), caracterizando assim a variação linguística.

A partir deste esboço inicial sobre a Sociolinguística, área essa de que se ocupa o presente trabalho, cabe trazer à baila alguns termos utilizados neste campo e os devidos conceitos.

A variação linguística é um fenômeno intrínseco a qualquer língua. Os falantes modificam seus comportamentos diante da sociedade, e sua fala irá refletir estes novos posicionamentos. Assim, as formas alternativas utilizadas por esses usuários da língua para tratar mais ou menos da mesma coisa denominam-se variantes linguísticas, que aqui será tratada também de variável dependente, ou seja,

“uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural” (MOLLICA, 2004, p.11).

Algumas variáveis independentes foram consideradas para a elaboração deste trabalho, sobretudo as sociais, e elas serão abordadas mais adiante.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia.

1 A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO – O ENFOQUE DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

A indeterminação do sujeito, termo empregado pelas Gramáticas Tradicionais, doravante GT, é entendida aqui como a indeterminação do referente, ou seja, o agente da ação verbal que se encontra em um contexto externo ao linguístico, compartilhando do mesmo mundo concreto que os falantes participantes da interação verbal no ato de comunicação.

Nota-se que não há uma explicação plausível para o uso do termo “indeterminado”, uma das classificações atribuídas ao sujeito. Inicialmente, deveria tornar claro o que seria um sujeito “determinado” em oposição ao “indeterminado”. Ao observar as outras classificações do sujeito apresentadas pelas GT, tal como “oculto”, “simples”, “composto” entre outras, verifica-se que elas fazem referência à forma, em oposição à classificação de sujeito “indeterminado” que é semântica (MILANEZ, 1982, p.11).

Napoleão Mendes de Almeida (1999, p.144), em sua “Gramática Metódica da Língua Portuguesa”, diz que o sujeito é indeterminado quando não é possível identificá-lo ou, como postula LIMA (1998, p.235) quando há intenção desta não identificação. Os autores citados apenas consideram duas estratégias para esta função: verbo na terceira pessoa do plural - Ø+V3PP (ver exemplo 01) e verbo na terceira pessoa do singular com o “se” apassivador - Ø+V3PS+SE (ver exemplo 02), ambas sem sujeito lexicalmente preenchido.

(01) **Dizem** que ele vem.

(02) Assim **se vai** aos céus.

Ainda é possível encontrar nas GT uma outra estratégia de indeterminação do sujeito que é o infinitivo impessoal sem sujeito lexical - Ø+VINF, como em Cegalla (1991, p.274), vislumbrado no exemplo 03.

(03) É triste **assistir** a estas cenas repulsivas.

Então, qual será a abordagem utilizada aqui para tentar explicar o que é o sujeito indeterminado? Parte-se, portanto, para a noção de “referente extralinguístico” adotada por Menon (2006, p.129):

“Para mim, indeterminação do sujeito concerne os casos em que não se pode ou não se quer nomear o sujeito, na acepção de ‘referente extralinguístico’. No entanto, o referente é conhecido pelo locutor (e em certos casos, também do interlocutor, o que torna possível a compreensão mútua) e se ele quisesse ou se isso lhe fosse conveniente ou interessante, ele poderia nomeá-lo ou descrevê-lo. Nesse sentido, o referente pode ser recuperado pelo locutor a qualquer hora. Trata-se, antes de tudo, de uma maneira de escamotear o sujeito extralinguístico por meio de uma forma de expressão linguística, em função da situação de comunicação”.

2 RECURSOS INOVADORES

Tendo em vista os recursos adotados pelas GT para marcar o sujeito indeterminado, qualquer outro que escape às formulações levantadas anteriormente será considerado inovador. Neves (2000, p.463-465), por exemplo, em sua “Gramática de usos do português”, apresenta algumas estratégias para marcar este tipo de sujeito, inclusive lexicalmente preenchido, conforme os exemplos 04, 05 e 06, sendo que o exemplo 06 ela considera como indeterminação parcial, uma vez que ele “só abrange o universo das terceiras pessoas”.

(04) **Você** vai lá, fica dois dias fazendo curso.

(05) **Eu** vou lá, fico dois dias fazendo curso.

(06) **Eles** inventam outra.

Além disso, Neves também apresenta outros exemplos nos quais o sujeito não está lexicalmente preenchido. Os exemplos 07 e 08 estão em consonância com os ditames tradicionais da gramática, enquanto os exemplos 09 e 10 caracterizam-se como mais inovadores, uma vez que não são contemplados nas gramáticas normativas. Inclusive a autora faz menção ao exemplo 09 como sendo “menos comum e de registro mais popular”. Já o exemplo 10 ela classifica como marca de indeterminação parcial, pois “pelo menos uma referência é determinada, porque sempre está incluído o falante (o eu)”.

(07) **Jogaram** alguém na piscina.

(08) **Falava-se** de Pedro.

(09) Lá **tira** título de eleitor, documento.

(10) [...] como aves rapinantes **predamos**.

3 A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO EM SALVADOR

Para a realização deste trabalho, foram analisados seis (6) inquéritos: quatro (4) do Projeto de Estudo da Fala Popular de Salvador — PEPP — e dois (2) do Projeto Norma Linguística Urbana Culta de Salvador — NURC, distribuídos em seis células, contendo um informante em cada uma, de acordo com o nível de escolaridade (Ensino Fundamental, Médio e Superior) e gênero/sexo (masculino e feminino). Todos os informantes compartilham da mesma faixa etária entre 25 e 35 anos, uma vez que para o estudo preliminar em questão possibilitou a inclusão dos três níveis de escolaridade supracitados.

Ao realizar a busca por estratégias que marquem este tipo de sujeito, várias possibilidades foram encontradas, porém serão consideradas apenas aquelas apresentadas pelas gramáticas tradicionais já citadas mais acima: Ø+V3PP, Ø+V3PS+SE e Ø+VINF, e mais seis formas inovadoras Ø+V3PS, “você”, “a gente”, “eles”, “nós” e Formas Nominais (FN), nas quais se encontram vários formatos de Sintagma Nominal. A frequência dos usos encontrados podem ser observados na tabela 1 logo abaixo, seguida de alguns exemplos extraídos do banco de dados analisado.

	N/Total	%
Ø+V3PS	35/545	6.4
Ø+V3PP	16/545	2.9
A gente	79/545	14.5
FN	229/545	42.0
Eles	36/545	6.6
Você	123/545	22.6
Nós	8/545	1.5
Ø+VINF	17/545	3.1
Ø+V3PS+SE	2/545	0.4

Tabela 1: Número de ocorrências dos recursos de indeterminação do sujeito na fala urbana culta e popular de Salvador.

- (11) ...quando você vai pra um colégio particular, é mais puxado, EXIGE mais de você... [NURC-014N M2s]
- (12) Não, eu fui bem quieta, me CHAMAVAM até de sonsinha... [NURC-014N M2s]
- (13) Essa velocidade de hoje que A GENTE produz ela está subordinada ao tempo da informática. [NURC-010N H2s]
- (14) NEGO às vezes fazia de lixo aí... [PEPP-19 M2f]
- (15) ... ELES consigam buscar informação, eu acho que vai ser o fundamental... [NURC-010N H2s]

- (16) ...se VOCÊ não é uma pessoa bem estudada, mas se você conhece uma pessoa que pode lhe ajudar e a pessoa tem interesse, a pessoa, “olhe, eu vou te ajudar”, vai lá e ajuda mesmo sem, uma vez eu fiz... [PEPP-09 H2f]
- (17) ... quando eu fiz o terceiro ano, NÓS tínhamos aula pela manhã, e reforço à tarde, no colégio. [NURC-014N M2s]
- (18) vê que só quer farra, um dinheirinho pra tomar uma cervejinha, IR no cinema, brincar, deitar, rolar, mas na hora você não sente aquela firmeza daquela pessoa. [PEPP-09 H2f]
- (19) ... VIVIA-SE no momento no país, a ditadura, vontade de burlar a ditadura, vontade de ser criativo para burlar isso, não é. [NURC-010N H2s]

A partir das informações contidas na tabela apresentada, salientando que se trata de um estudo piloto com número de informantes reduzidos para esta amostragem, inicialmente pode-se inferir que as FN são as estratégias mais utilizadas pelos falantes de Salvador, seguidas do item “você”.

O *status* social dos falantes influi diretamente na forma como eles fazem uso da sua língua para se comunicar, daí a necessidade de se levar em conta a variável independente diastrática.

No Brasil, em particular, este tipo de variação é muito difícil de se verificar, uma vez que a distribuição de renda é muito desigual, o que dificulta classificar os falantes em diversos níveis. Desta forma, os estudiosos da sociolinguística optaram por considerar o nível de escolaridade como barema para tal classificação, pois, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p.48), “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico”, uma vez que “esses fatores estão intimamente ligados ao status socioeconômico, na sociedade brasileira”.

Assim sendo, os falantes da presente pesquisa, como já mencionado, encontram-se divididos entre o Ensino Fundamental (Ciclos 1 e 2), Ensino Médio e Ensino Superior.

O resultado deste tipo de variação pode ser visualizado na tabela 2. Nos Ensinos Fundamental e Médio, a estratégia de maior número de ocorrência foi as FN, com 63.2% e 59.2% respectivamente, enquanto que a estratégia preferida no Ensino Superior foi “você” com 34.8%.

		Ø+V3PS	Ø+V3PP	A gente	FN	Eles	Você	Nós	Ø+VINI	Ø+V3PS+SE	Total	%
EF	N	1	3	3	36	3	7	-	4	-	57	10.5
	%	1.8	5.3	5.3	63.2	5.3	12.3	-	7	-		
EM	N	26	2	25	119	2	16	1	9	1	201	36.9
	%	12.9	1	12.4	59.2	1	8	0.5	4.5	0.5		
ES	N	8	11	51	74	31	100	7	4	1	287	52.7
	%	2.8	3.8	17.8	25.8	10.8	34.8	2.4	1.4	0.3		
Total	N	35	16	79	229	36	123	8	17	2	545	
	%	6.4	2.9	14.5	42	6.6	22.6	1.5	3.1	0.4		

Tabela 2: Recursos de indeterminação do sujeito distribuídas de acordo com o nível de escolaridade.

Os falantes de uma língua falam de forma diferente entre si. Cada um possui um jeito especial de utilizar a sua língua, importando apenas a comunicação. Não é de se estranhar também que os homens tenham uma maneira peculiar de utilizar a língua portuguesa diferentemente das mulheres e vice-versa. Eles se comunicam diferente. Às vezes, é possível distinguir se uma fala foi dita por um homem ou por uma mulher, seja pelas marcas lexicais, construções oracionais entre outras.

Contudo, esta diferença no falar não é algo marcado por questões biológicas. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.47), “essas variações entre os repertórios feminino e masculino são relacionadas aos papéis sociais que [...] são culturalmente condicionados”.

A partir dessas noções de que os falantes comportam-se linguisticamente diferente em relação ao seu gênero/sexo, pode-se apresentar os dados obtidos sobre as estratégias de marcação do sujeito indeterminado no português falado na cidade de Salvador.

Para este fim, a título de experimentação, foi utilizado o GoldVarb para obter os pesos relativos. Como a variável dependente é formada por nove estratégias de indeterminação do sujeito, foi necessário aplicar a mesma metodologia utilizada por Menon (2006, p.148). Ela alternou a variável dependente com as estratégias analisadas para gênero/sexo, assim obteve-se uma variável binária, possibilitando rodar os dados encontrados e estabelecer os pesos relativos, visível na tabela 3.

<i>Input 0.538</i>	Masculino			Feminino		
	<i>N/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso</i>	<i>N/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso</i>
Ø+V3PS	14/35	40	.44	21/35	60	.56
Ø+V3PP	4/16	25	.28	12/16	75	.72
A gente	41/79	52	.56	39/79	48	.44
FN	127/229	55	.60	102/229	45	.40
Eles	12/36	33	.37	24/36	67	.63
Você	39/123	32	.36	84/123	68	.64
Ø+VINP	9/17	53	.57	8/17	47	.43
<i>Significância = 0.000</i>						

Tabela 3: Recursos de indeterminação do sujeito distribuídas de acordo com o gênero/sexo

Os recursos de indeterminação do sujeito mais utilizado pelo gênero/sexo masculino foram as FN e o “a gente”, com pesos relativos .60 e .56 respectivamente. Já os recursos em destaque para o gênero/sexo são o Ø+V3PP, uma das estratégias considerada padrão pelas gramáticas, cujo peso relativo foi de .72, e as formas “você” e “eles”, com peso relativo .64 e .63 nessa ordem.

De acordo com os dados apresentados, observa-se que os falantes de Salvador, independente do seu nível de escolaridade ou gênero/sexo, fazem uso de vários recursos para indeterminar o sujeito em suas elocuições verbais, e com menor frequência os recursos apontados pelas Gramáticas Normativas, mesmo os falantes mais escolarizados. Dentre as poucas ocorrências das estratégias padrão encontradas, ainda sim o gênero/sexo feminino obtém maior porcentagem de uso.

Uma vez que os usuários da língua portuguesa na capital baiana com nível superior completo estão fazendo mais uso das inovações linguísticas abordadas, estas estratégias apresentam-se com menos possibilidades de serem estigmatizadas pelos falantes de maneira geral, o que tende a fazer com que estas se tornem mais utilizadas, chegando, quem sabe, ao *status* de padrão linguístico.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. Cap. 1, p. 21-47.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de (1999). **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44.ed. São Paulo: Saraiva.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris (2004). **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Parábola Editorial.
- CEGALLA, Domingos Paschoal (1991). **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 34.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008. (Língua[gem] 26). Tradução de: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha (1998). **Gramática normativa da língua portuguesa**. 35.ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

- MENON, Odete Pereira da Silva. A indeterminação do sujeito no português do Brasil: NURC-SP e VARSUL. In: VANDRESEN, Paulino. **Variação, mudança e contato linguístico no Português da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2006. Cap. 7, p. 125-167.
- MILANEZ, Wânia. **Recursos de indeterminação do sujeito**. 1982. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Cap. 1, p. 9-14.
- NEVES, Maria Helena de Moura (2000). **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP.